

Choram o mesmo, aqueles que ficam

Luiz Antonio de Assis Brasil*

PUCRS



O novo livro de Adelaide Freitas representa sua primeira investida no gênero romanesco puro, vindo na seqüência de uma notável carreira de poeta, prosadora poética e ensaísta. Para já, revela-se uma narradora que encontra motivos ficcionais em sua própria ilha açoriana, isto é, São Miguel; as referências são precisas, nomeadamente as relativas ao Nordeste, esse Concelho que historicamente esteve algo à margem dos centros de decisão, e que apenas agora pode considerar-se plenamente integrada às restantes localidades de São Miguel e, por via lógica, ao País, à Comunidade Européia e ao mundo.

Se, como ensina Nemésio, a Geografia, para os Açores, é tão importante como a sua História, na obra *Sorriso por dentro da noite*¹ vemos que estão presentes as recorrências geológicas, sismológicas, geográficas e topográficas encontráveis em outros autores conterrâneos – aliás, nem poderia ser diferente, já que se fala de um mesmo espaço: ali está o majestoso Pico da Vara, abençoando e amaldiçoando os habitantes à volta; ali estão os terremotos, sempre inesperados e, no entanto, tragicamente habituais; ali encontram-se a pequena freguesia, as altas encostas marítimas, as *caldeiras* a ferver, a chuva como farinha que cai do céu. Sim, tudo está no romance mas, ao invés da representação de uma paisagem conhecida e clichê, vemos um espaço modificado pela perspectiva visual e afetiva das personagens. Aí a grande diferença que, por si só, é de

* Doutor em Letras. Escritor. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Letras, da PUCRS. Vice-Diretor da Faculdade de Letras da PUCRS. Pesquisador do Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa da mesma Universidade.

¹ FREITAS, Adelaide. *Sorriso por dentro da noite*. Vila Nova de Gaia: Ausência, 2004.

grande alcance literário. Nada é descrito gratuitamente, nada sugere que a autora estivesse apenas à busca de um salvador *décor* para as ações. No romance, o espaço desempenha um papel essencial, a estabelecer um contraponto com a trama, comentando-a, iluminando-a, dramatizando-a. A autora não cedeu à tentação nominadora ou ao folclorismo ingênuo. Mesmo a tradicional matança do porco, tão amiúde descrita em certas literaturas menores, toma, aqui, o caráter de uma mitologia privada, a incluir-se na deliberada ritualística do romance.

Se o espaço vivifica-se na visão das personagens, o tempo é tratado de maneira igualmente pessoal. Sabe-se, pelos indícios textuais encontráveis aqui e ali, que estamos em determinadas décadas do século passado, aquelas das grandes emigrações para a América do Norte. Essa segurança narrativa, entretanto, fica por vezes abalada. O leitor é habilmente conduzido a um tempo-sem-tempo, em que a linearidade cronológica não é obedecida ou, pelo menos, *não deseja ser obedecida*. Esse recurso revela-se eficaz e condiz com os propósitos do romance, que é passar-nos uma história em que o essencial está na vivência das emoções. O tempo psicológico, assim, é mais importante que o tempo contado no relógio, e sabemos que em nossa vida o igual se passa: o que é para nós uma eternidade, para outrem pode ser um minuto. Adelaide Freitas conhece muito bem essa lição, explorando-a até seus limites. Dessa forma, edifica um romance essencialmente intimista, desvirtuador das regulares noções de espaço/tempo. São categorias que se mostram subliminares, alterados pela sensibilidade de quem as experimenta.

Sofrendo o tempo segundo as experiências das personagens, e expandindo o espaço na justa necessidade expressiva, a trama pode fluir em todas suas potências.

Vejamos, então, qual é essa trama e quais essas personagens.

Já disse que estamos tratando do período das maiores emigrações do século 20. A história narrada gira em torno desse fenômeno histórico, econômico e social: depois de uma “bem-sucedida” saída para os Estados Unidos, uma senhora retorna à ilha, deixando lá na América seu marido, de quem se divorcia. Mas não fica a sós, na ilha. Com ela estão cinco netas e um neto – pois seus pais também emigram. Xana, a protagonista, por ter pouquíssima idade à época da emigração – alguns meses – sequer conheceu mãe, e toma como “mãe” a avó. Com o passar do tempo, outros filhos vão juntar-se aos pais nos Estados Unidos: Maria Isabel, Angelina e Daniel. O pequeno núcleo insular vai minguando e resta, por fim, apenas Xana, Carolina e a Narradora da história. Em dado momento, os

pais de Xana anunciam seu regresso, e trazem algum dinheiro. Eis aí o pacientemente preparado *turning point* do romance, o *plot* que irá conduzir o interesse do leitor até o fim. A grande pergunta (já que todo romance deve ter uma pergunta e uma promessa de resposta) é: como os filhos que ficaram receberão os pais? E como a avó receberá os de torna-viagem? E como a freguesia os receberá?

O leitor já deve ter percebido: *Sorriso por dentro da noite* é a história dos que ficam, amargando saudades, ausências e abandonos e, nesse sentido, estamos frente a um romance que dedica atenção ao “outro lado” da emigração, que pode ser tão doloroso quanto ela própria.

Na diegese, dividida em pequenos capítulos, desde logo impõe-se a citada Narradora que, em primeira pessoa, tudo vê, tudo relata e tudo julga. Sendo texto em primeira pessoa, poder-se-ia pensar numa visão parcializada, não mais. Ocorre, porém, uma alteração nesse estatuto ficcional: a Narradora vai além do que percebe pelos sentidos, estabelecendo-se como uma entidade discursiva onisciente, penetrando nas mentes e nos corações das personagens. Essa instigante pessoa, sabe-se por suas intervenções, também é uma filha dos pais emigrados, e portanto irmã de Xana, Carolina, Daniel, Maria Isabel e Angelina. Não possui verdadeiro protagonismo, colocando-se na posição de observadora. Suas pequenas intervenções são ancilares, quase sempre confortando e esclarecendo os irmãos. No episódio do primeiro e traumático mênstruo de Xana, por exemplo, a Narradora fala de si própria como a reencarnação leiga da figura da *Consolatrix Afflictorum*: “Quando me despeguei da Xana, para ver seu rosto, para a olhar, olhos nos olhos, falei-lhe pela primeira vez com a voz de mãe: Dorme, dorme minha menina, para seres bonitinha. E ao mesmo tempo, eu pensava com os meus botões: *A minha irmã estava a resistir contra o ser-se mulher*” (p. 168). A Narradora desempenha, por assim dizer, uma função positiva e sempre desejada. É ela que também estabelece o ritmo da história, servindo de âncora do real quando as ações se degradam ou atingem patamares de paroxismos insanos. Seu olhar recai primordialmente sobre Xana, elevando-a, desse modo, à condição de protagonista.

Xana, nascida na mesma noite de um terremoto, o que possui um alto valor simbólico, é a menina que vemos crescer desde os primeiros balbucios até à idade da maturidade biológica. Toda personagem, qualquer personagem, adquire existência a partir de suas contradições, não a partir de suas certezas. Xana é contraditória, e por isso é complexa, ou “redonda”, no dizer da teoria. Suas opções

existenciais são feitas de cambiantes fragmentos de emoção. Ora é uma, ora é outra. O grande lance narrativo é que essas alterações psíquicas são sempre justificadas pelas circunstâncias. São movimentos surpreendentes, sim, mas inevitáveis. Dessa forma, o retorno dos pais, retorno desejado quase à obsessão e potencializado a qualquer ruído de avião que cruze os céus, modifica-se quando é anunciado. Xana debate-se entre conflitos: medo, ansiedade, desejo, busca e recusa. Xana é, por isso mesmo, inesquecível para o leitor, firmando-se como a personagem mais impactante. E a autora assim o quis.

A avó, a quem os anos deram uma invejável constância e sapiência, possui a firmeza desejada por Xana. É à avó que ela recorre sempre. A avó é seu modelo e seu Norte, quase metafísico: “Olha Daniel, quando a vovó embarcar para as nuvens, não te esqueças de me avisar para não me enganar de caminho, porque eu quero é ir dentro da sua barriga” (p. 117). A avó não é, contudo, uma senhora anódina, com papel meramente funcional. Mesmo que em New Bedford tivesse alcançado uma invejável posição à custa da ascensão econômica e política do marido, torna-se capaz de abandonar tudo quando o casamento já não a satisfaz emocionalmente. Divorcia-se e volta para a ilha, com poucos haveres. O motivo explícito do divórcio seria a contínua infidelidade do esposo, mas o leitor percebe que o casamento já se esgotara. A avó, assim, é dotada de extrema originalidade num meio estritamente conservador. Seja na América, seja na ilha, ela é capaz de enfrentar a sociedade que, naturalmente, a discrimina. Fazendo par com a avó, está a Tia Luísa, sua irmã e quase da mesma idade, uma abnegada pelas causas sociais da freguesia. Num diálogo intertextual, as duas irmãs trazem à lembrança as tias de Artur Corvelo, Sabina e Ricardina, de *A Capital*, de Eça. Dísparos em tons psicológico, complementam-se.

O *locus amoenus* do ambiente familiar na ilha não é só perturbado pela Xana e suas flutuações, mas por uma outra personagem trazida pela Narradora. É Carolina, seis anos mais velha que Xana. Seu caráter é perturbador e igualmente original, mas em outro sentido. Carolina impõe-se por suas perversidades – passe o léxico de cariz hiperbólico. Habitualmente às irmãs mais velhas cabe um papel próximo ao materno, mas Carolina assume essa *maternidade* em seu aspecto repressivo e, por que não, sádico. É mal próprio de sua natureza, se pensarmos em como Herman Melville – por acaso um dos focos de estudos acadêmicos da autora – compôs a personagem Claggart, da novela *Billy Budd*. Carolina realiza uma *brincadeira* de arrepiar, avançando com uma faca contra Xana, levando-a ao ter-

ror. Durante toda história, Carolina age como *alter ego* mefistofélico e incontornável de Xana a qual, se é paciente das maldades, não deixa de possuir um certo fascínio pela condição de objeto desses atos. Carolina também fascina por ser uma irritada consciência crítica: “a avó, afinal é que errou – dizia, triunfante, Carolina. Ela é que nos deixou nesta porca de vida, toda a gente separada” (p. 26). Xana não quer escutar, debate-se contra a afirmativa tão categórica da irmã, e esse “não querer ouvir” é a clara demonstração de que não deseja pensar nisso; se não quer pensar é porque se trata de um argumento perigoso, que poderia solapar o seu extremo amor pela avó.

Lugar especial é reservado a Daniel, o único varão nessa plêiade feminina. Também ele é um fator de estabilidade. É quem dispõe-se a jogar com Xana; sua condescendência dá-lhe uma presença agradável no contexto e poderia plenamente suprir a apagada figura paterna, não fosse ele um artista-sonhador. Ensimesmado, seu prazer é desenhar e, na idade a condizer, fumar seu melancólico cachimbo. Por vezes tem uma conduta impaciente, mas de um impaciência de quem está desgostoso de si mesmo. Não por nada que também emigra. No outro extremo dos humores encontra-se o amável *Uncle Joe*, cujas cometárias aparições na freguesia eram causas de um furor alegre e estabonado. Trazia todas as atrações americanas, as máquinas fotográficas, os *candies* melhores do que os rebuçados, as *gums*, tecidos e botões.

Como disse acima, o momento em que as coisas se transtornam (como se já não estivessem transtornadas) é o da volta dos pais e dos irmãos. Não retornam com a amena previsibilidade dos garajaus, mas trazem nas mãos o pomo da discórdia e, na alma, um labirinto de angústias. Já não são os mesmos que partiram. Perderam a inocência, mas não amadureceram. A volta, tão desejada, põe-lhes à frente uma vida sem perspectivas. O mesquinho ambiente da freguesia não os seduz mais. Eles percebem que o bolor ainda consome as casas, alastrando-se pelas paredes como um teratológico câncer primordial. A mãe envolve-se com disputas ridículas com uma vizinha: afinal, ela precisa ostentar tudo o que amealharam nos Estados Unidos. O pai, de temperamento bovino e rotineiro, adoecce de uma úlcera derivada do estresse e de sua reconhecida impotência em superar as dificuldades: “Junto ao ‘muro das lamentações’, aferrolhava-se dias e dias a ‘cadeado’ e revia toda sua vida na América. Concluiu que tinham falhado, que o regresso à ilha tido sido um engano, uma desilusão” (p. 241). A família está a perigo, mormente quando o dinheiro evapora-se com a mesma rapidez com que

foi ganho. São obrigados a vender os bens que trouxeram. Já não têm o controlo dos filhos. Se a dor poderia ter o dom de aperfeiçoar os pais, tal não acontece. A única solução que vêm é uma nova emigração, agora para outras paragens miraculosas: a emigração para o Brasil. A bem da verdade, o leitor sabe que jamais estarão cômodos em lugar algum, pois a insatisfação está em seus espíritos. Xana fica, sim, na ilha; a avó também fica. O furacão do torna-viagem passou, e as personagens que permanecem acabarão por reencontrar-se consigo próprias, com seus conflitos e tristezas. Algo mudou, mas algo é sempre o mesmo.

Concluindo, mas na certeza de que muito poderia ser dito de *Sorriso por Dentro da Noite* – em especial numa nota sobre seu estilo densamente metafórico e imagético –, é possível afirmar que estamos ante um romance de emigração, a somar-se a uma vertente ainda ativa na literatura praticada por escritores açorianos; mas é uma inclusão meramente conceitual e categorizadora, pois se trata de uma obra que, de certo modo, renova esse viés literário trazendo-nos a experiência dos que ficam, entes tão sofredores e perplexos como os que partem.

Ao fim e ao cabo, pode-se dizer que a emigração, se teve sua utilidade emergencial num dado momento histórico (embora a ameaça sempre permaneça), deixou marcas para além do meramente econômico ou social: foi depois da emigração, e refletindo sobre ela, que os açorianos descobriram sua identidade mais profunda, a qual não é melhor nem pior do que a identidade do demais povos, mas decerto é diferente.

Num derradeiro patamar, a emigração também trouxe o reconhecimento da realidade humana que vive no Arquipélago, no Continente, no Brasil, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar do mundo. Como seres humanos, somos os mesmos em todas as eras e geografias, sujeitos às mesmas perplexidades e sofrimentos e, como sempre, é a literatura o mais fiel espelho de tudo isso.

Referência

FREITAS, Adelaide. *Sorriso por dentro da noite*. Vila Nova de Gaia: Ausência, 2004.